



TELEJORNALS: ENTRE HISTÓRIAS, TEMPOS E TELAS

Elizabeth Bastos Duarte *

Resumo: O presente trabalho centra sua atenção em um tipo específico de narrativa: aquela aportada pelos telejornais. Nessa direção, recuperam-se aspectos, concernentes a esse subgênero, já examinados em outros trabalhos, com o objetivo de refletir sobre as reais condições dos textos dos telejornais constituírem-se em um registro confiável para a construção de uma historiografia do contemporâneo.

Não há dúvida de que os telejornais, ao contarem suas histórias, vêm procurando não só agregar contribuições advindas das novas tecnologias digitais, como se apropriar de suas potencialidades, canalizando-as em prol de um melhor desempenho de sua tarefa. Tudo faz pensar que as incontáveis possibilidades de armazenamento e arquivamento de dados por elas aportados façam dos telejornais matéria prima de alta qualidade (fonte primária) para a reconstituição da história mais recente em nível planetário, visto que permitem, inclusive, a comparação e confrontação de diferentes versões sobre um mesmo acontecimento.

Palavras-chave: Comunicação. Memória. Telejornalismo.

Abstract: This paper focuses its attention on a particular type of narrative: the narrative provided by the televisual news. Therefore, some aspects that are concerned to the televisual news subgenre, which have been examined in previous papers, which had the objective of reviewing about the actual conditions of the texts of the televisual news constitute a reliable register for the construction of a contemporary historiography.

It has been established that televisual news, when telling their stories, have been seeking not only to add contributions from the new digital technologies, but also to appropriate their potentialities, channelling these potentialities in order to better perform their task. Everything suggests that the countless possibilities of storage and archiving of data made by them make the high quality primary

** Universidade Federal de Santa Maria (UFSM),
Santa Maria, RS, Brasil.
Pesquisadora com bolsa de produtividade 1C pelo
Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico – CNPq;
Pesquisadora participante do Acordo
Internacional Patrimoine Images Médias
Identités (PIMI); pós-doutora em Televisão pela
Université de Paris III – Sorbonne Nouvelle e
pelo Centre de Hautes Études en Sciences
Sociales.
Email: bebethb@terra.com.br
DOI: 10.19177/memorare.v5e32018274-291



REVISTA
MEMORARE

 UNISUL
www.portaldeperiodicos.unisul.br
ISSN 2358-0593

source for the reconstitution of the most recent history on a worldwide level, since they allow the comparison and confrontation of different versions on the same event.

Keywords: *Communication. Memory. The News.*

1. Apontamentos iniciais

Os seres humanos, por motivos diversos, desde o início de sua História, sempre gostaram de ouvir e contar histórias, e, se possível, de alguma forma, registrá-las. Afinal, elas, independentemente de seu caráter factual ou ficcional, organizam seu pensamento, conferem sentido aos acontecimentos, consignam seus feitos, transmitem seus conhecimentos e experiências. Com esse intento comunicativo, para além dos relatos orais, vêm, ao longo do tempo, buscando, persistentemente, novas formas de expressão: desenvolveram diferentes linguagens sonoras e visuais que servissem de suporte a esse contar. E, para garantirem o compartilhamento e transmissão dessas narrativas, ensaiaram diferentes escritas para melhor registrá-las, testaram diferentes “telas” onde as pudessem inscrever.

Mais ainda, como só isso não bastasse para aplacar seus anseios, vêm apostando, incessantemente, no aprimoramento de meios técnicos, cada vez mais sofisticados e eficientes, capazes de promover a veiculação e possibilitar a circulação desses relatos.

Mas, somente com o ainda recente desenvolvimento das mídias – imprensa, fotografia, cinema, rádio, televisão, internet – essa aspiração de uma comunicação mais ampla entre os homens vem ganhando mais concretude: cada um desses meios foi-se encarregando de atribuir formas mais precisas e convincentes, de conferir maior sofisticação aos relatos, ao possibilitar a articulação entre diferentes linguagens, ao fornecer opções mais qualificadas para seu registro e circulação, ao criar diferentes plataformas e telas em que essas histórias se dessem a ver.

Com o surgimento da televisão, ela, de pronto, arrogou para si a tarefa de contar histórias, passando, para tanto, não só a incorporar os recursos aportados pelos meios anteriores, como a eles agregar novas potencialidades, com vistas a transformar essas narrativas em mercadorias, que disputam espaço e audiência no concorrido mercado midiático. E, nesse percurso incessante de busca de sobreposição à concorrência, suas

apostas têm sido feitas em múltiplas direções: a da qualificação dos produtos, eficiência de sua circulação, capacitação de suas formas de veiculação, multiplicação de suas possibilidades de consumo.

Os três subgêneros de programas com maior incidência e audiência na grade de programação das emissoras abertas de televisão são as telenovelas, os telejornais e os programas de auditório. Se as histórias que contam são falsas ou verdadeiras, pouco importa! Cabe antes aos especialistas definir seu estatuto.

O presente trabalho centra sua atenção em um tipo específico de narrativa: aquela aportada pelos telejornais. Nessa direção, recuperam-se aspectos, concernentes a esse subgênero, já examinados em outros trabalhos, com o objetivo de refletir sobre as reais condições dos textos dos telejornais constituírem-se em um registro confiável para a construção de uma historiografia do contemporâneo.

Não há dúvida de que os telejornais, ao contarem suas histórias, vêm procurando não só agregar contribuições advindas das novas tecnologias digitais, como se apropriar de suas potencialidades, canalizando-as em prol de um melhor desempenho de sua tarefa. Tudo faz pensar que as incontáveis possibilidades de armazenamento e arquivamento de dados por elas aportados façam dos telejornais *matéria prima* de alta qualidade (fonte primária) para a reconstituição da história mais recente em nível planetário. Trata-se de uma extensa documentação que pode se tornar preciosa nas mãos de historiadores, tanto para a sua produção historiográfica, como epistemológica, visto que permite, inclusive, a comparação e confrontação de diferentes versões sobre um mesmo acontecimento.

2. Sobre os telejornais

Os *telejornais* são programas com presença e audiência garantida na programação televisual brasileira. Importados do jornalismo radiofônico, foram, com o decorrer do tempo, ganhando identidade e adaptando-se às potencialidades do televisual.

O telejornal é um subgênero televisual, ligado ao gênero factual, cujo propósito é manter o telespectador informado / atualizado sobre fatos e acontecimentos advindos do mundo real, considerados pela mídia televisão como relevantes, ocorridos entre uma



emissão e outra do programa. Os telejornais veiculam as informações sob a forma de narrativas organizadas e, em princípio, comprometidas com a verdade e fidedignidade dos acontecimentos noticiados, com os atores sociais envolvidos. Seu contrato comunicativo pauta-se, até mesmo, por legislação específica, o que os obriga a buscar fontes confiáveis como garantia do discurso veiculado, a recolher provas, a convocar testemunhas dos acontecimentos, com vistas a conferir credibilidade aos relatos apresentados.

Dessa maneira, os telejornais contam histórias, produzem narrativas: seu discurso, *datado*, constrói-se tomando como referência direta o mundo real e exterior à televisão. É preciso lembrar, não obstante, que se trata de uma *metarrealidade*, não do *real*, mas de uma *realidade discursiva*, que, embora contenha índices do real, mundo exterior à mídia, é uma narrativa, uma história que cria história, aspirando à plena visibilidade.

2.1 Dos aspectos gerais

Os objetivos e modo de funcionamento dos telejornais leva-os a operarem com dois tipos de espaços: *os internos*, de estúdio, cenário em que se movimentam o(s) apresentador(es) / condutor(es) do programa; e *os externos*, próprios das ações do mundo, dos acontecimentos, conectados entre si por diferentes dispositivos técnicos e articulados pelo apresentador que chama reportagens ao vivo, em tempo real e simultâneo à sua apresentação, que não só confirmam ou testemunham seus relatos, como demonstram sua atualidade.

Exibidos tanto por emissoras generalistas, como temáticas, os telejornais são programas com permanência no ar ilimitada. O texto maior, representado pelo próprio programa, fragmenta-se em edições, com dias e horário fixos de apresentação e tempo de duração pré-determinado. Essas edições organizam-se em blocos, abrindo espaço para os intervalos comerciais. Cada um desses blocos é responsável pela veiculação de diversas e distintas unidades narrativas, *as notícias*, selecionadas e distribuídas a partir de interesses, lógicas e estratégias comunicativas que garantam a atenção e audiência por parte dos telespectadores.



Na construção dessas notícias, os telejornais, como não poderia deixar de ser, lançam mão de diferentes possibilidades de convergência com outras mídias, então convocadas a atuarem tanto via inserção direta no interior da própria trama narrativa, como sob a forma de participação indireta, via interação com o telespectador.

O exame dos telejornais, na perspectiva de suas relações de convergência com outras mídias e, conseqüentemente, com outras telas, aquelas que são por eles convocadas para tomarem parte do próprio texto da edição do programa, ao evidenciar as alterações em curso, pode melhor explicar as interferências dessas tecnologias nos contornos da gramática deste subgênero televisual.

2.1.1 Actorialização

A estrutura interna dos telejornais prevê, do ponto de vista actorial, a figura do(s) *apresentador(es) condutor(es)* do programa, protagonista(s) central(is) da emissão, que desempenha(m) no interior do próprio texto o papel de enunciador(es), atuando como delegado(s) de seus reais enunciadoreis: a instância institucional responsável final pela veiculação da informação; a instância de produção, que é coletiva, comportando as diferentes equipes de profissionais responsáveis pela realização do produto.

O processo produtivo das notícias envolve uma equipe capacitada e variada de profissionais: alguns são responsáveis pela captação dos acontecimentos do mundo exterior – agências de notícias internacionais e nacionais, correspondentes, repórteres, fotógrafos e cinegrafistas; outros atuam no interior do próprio meio – pauteiros, editorialistas, redatores, operadores de edição, etc.

Trata-se, portanto, de ator(es) discursivo(s), enunciador(es) enunciado(s) que atua(m) gerenciando os tempos, realizando as transições entre os diferentes blocos e segmentos da emissão, encarregando-se das *debreagens* e *embreagens* internas ao texto do programa, responsabilizando-se pela regulação dos valores da emissão. Desempenha(m), além das funções de apresentador e âncora, a de *mediador* entre a instância de enunciação e os enunciatários, os telespectadores virtuais ou reais. Repercutem as vozes das duas primeiras instâncias, advindas da enunciação, relacionadas tanto a realidade socioeconômica e as lógicas de realização, como a missão e a imagem que a instituição deseja construir de si frente ao público telespectador. Elas



falam, através do programa, da forma como querem interagir com o telespectador, do ponto de vista a partir do qual seu texto quer ser *lido*, dos valores colocados em pauta.

Como mediadores, esses atores, que operam por delegação, enunciam sua enunciação, passando a materializar os valores investidos no programa, a combinatória tonal que deve identificar o programa.

Essa multiplicidade de funções desempenhadas pelo apresentador / condutor se manifesta em sua atuação em cena, correspondendo às modalidades de acolhimento e interação adotadas, às formas de ação e controle da emissão empregadas, à manifestação do ponto de vista a partir do qual o programa quer ser *lido*, indicando a forma como o telespectador deve com ele interagir.

Mas, a instância discursiva, além do apresentador, ator discursivo que atua no telejornal, como condutor, âncora e mediador, conta com um segundo nível de atores que assumem papéis discursivos no texto do telejornal – correspondentes internacionais, enviados especiais, repórteres, comentaristas, protagonistas dos acontecimentos, testemunhas, entrevistadores, que, quando interpelados pelo apresentador, também podem desempenhar, no interior das notícias, o papel de enunciadores.

3. Das notícias como narrativas

As edições dos telejornais são textos, fragmentos do texto maior representado pelo programa, cuja substância de conteúdo constitui-se a partir da articulação entre diferentes informações – sobre fatos e/ou acontecimentos políticos, sociais, culturais, administrativos e outros, de âmbito local, nacional e/ou mundial –, selecionadas por sua relevância para a compreensão do cotidiano, e apresentadas como uma soma de pequenas narrativas, autônomas umas em relação às outras.

As *notícias*, isto é, a transformação desses fatos e/ou acontecimentos em discurso midiático, são fruto da aplicação de um conjunto de regras de produção que inicia pela inserção de um acontecimento na pauta, isto é, pela seleção de uma informação como noticiável; pela definição de sua relevância; pela identificação de quem a protagoniza; pelo perfil de quem fala sobre ela. E, para que um acontecimento seja alçado ao *status* de noticiável, dizem os manuais, ele deve responder a certos requisitos, concernentes a sua *novidade*, com vistas a surpreender o telespectador; a sua



atualidade, pois as notícias lutam contra o tempo; a sua *credibilidade*, com o intento de produzir efeitos de verdade, confiabilidade.

É preciso, assim, ter presente que a escolha do que deve fazer parte da pauta de uma edição do telejornal é uma opção estratégica, que considera as lógicas mercadológicas, tecnológicas e discursivas: ao determinar o grau de noticiabilidade de uma informação, bem como a sua adequação ao subgênero e formato do telejornal, a televisão manifesta, além disso, os seus próprios interesses institucionais.

As notícias são, assim, versões discursivas do mundo, formas que se submetem ao filtro do contexto midiático, dos interesses econômicos, da história, da cultura, formas essas que, ao se projetarem sobre o mundo, conferem-lhe existência. Dito de outra maneira, é a reciprocidade entre a *informação* e a *notícia* que enquadra os acontecimentos em uma organização que resulta na construção desse tipo de narrativa.

Mas nunca é demais lembrar que, ao promoverem os acontecimentos enquanto os dizem e mostram, os telejornais fazem emergir *uma verdade que é discursiva* e que, portanto, não coincide, obrigatoriamente, com a verdade dos fatos: as operações discursivas, realizadas com o intento de que a narrativa das notícias corresponda ao regime de crença proposto, produzem, isto sim, os efeitos de sentido de *verdade, autenticidade, credibilidade* de que elas carecem.

Assim, nesse processo de transformação dos acontecimentos em notícias, há, como em qualquer outra narrativa, a recorrência a algum tipo de lógica que os estruture, explique e justifique, domesticando-os, fazendo-os parecerem compreensíveis (*causa vs. consequência; meio vs. fim; ação vs. reação; previsibilidade vs. imprevisibilidade*). Ao articularem esses detalhes, ao estabelecerem essas relações lógicas, as notícias constroem, desse modo, um todo consistente, conferindo sentidos, possivelmente aqueles que interessam, aos acontecimentos; dotando-os de uma organização estruturada e racional, que é perpassada por um tom de *seriedade, objetividade, distanciamento, neutralidade*.

As notícias apresentadas pelos telejornais constituem-se, dessa forma, como versões sobre o real, fruto da fragmentação, da parcialidade; são instituídas a partir de diferentes referências; são concebidas e estruturadas como uma sucessão de itens, de forma a satisfazerem a curiosidade do telespectador. Aliás, é, nessa perspectiva, que se pode falar da mídia como pautando o real: à televisão cabe não só definir que



acontecimentos do *mundo natural e exterior* merecem ser noticiados, como deliberar sobre os procedimentos estratégicos a serem adotados para os transformar em notícia. E, aqueles sobre os quais ela se cala, simplesmente não ganham existência.

4. Dos tempos em pauta

A instância de realização dos telejornais opera com diferentes quadros-referência de caráter temporal – muitos deles exteriores aos textos de suas edições e das próprias notícias veiculadas – com os quais joga discursivamente, segundo seus interesses e condições.

Esse jogo com os tempos é concernente:

1) à forma de estruturação temporal de texto de suas edições

Os textos das edições dos telejornais recorrem, em sua estruturação interna, ao *dispositivo discursivo de temporalização*, de forma a conferirem uma localização temporal à narrativa maior – representada pelo todo da edição, que, por sua vez, é fragmentada em narrativas menores, as notícias – estabelecendo um quadro referência em torno do qual se segmentam e organizam os múltiplos relatos.

Em seu procedimento de ancoragem, relativo à conferência de índices actanciais e espaço-temporais ao discurso, os telejornais costumam operar por duas vias: a **debreagem**, que se constitui no apagamento, no texto, de traços relativos à sua instância de enunciação, isto é, dos termos que servem de suporte a sua produção; a **embreagem**, que se constitui na produção de efeitos de presença ou retorno à enunciação, isto é, na manifestação das categorias que serviram de suporte à sua produção – pessoa, tempo, espaço (COURTÉS; GREIMAS, 1979, p. 95).

O texto do telejornal como um todo adota *uma organização temporal interna* que se repete recursivamente, de forma hierarquizada por níveis, relacionando *atores, tempos, espaços* no interior do programa (Fechine, 2002): há o apresentador que, do *set*, ao vivo, em direto, em tempo real e simultâneo à gravação e exibição do programa, apresenta as unidades, as notícias, distribuídas em blocos. Nessa perspectiva, a marca temporal do *presente* em um telejornal só entra em cena no momento de seu proferimento, isto é, da materialização de seu processo produtivo em texto

e de sua exibição ao telespectador. Nesse texto, no qual o apresentador / condutor desempenha o papel de âncora e mediador, sua presença assinala a localização temporal, servindo de referência para um conjunto de relações espaço-temporais a partir dela hierarquizadas em diferentes passados, presentes e prováveis futuros. Assim, o âncora é um ser do discurso, como, aliás, passam a ser todos os demais protagonistas dos diferentes relatos sobre acontecimentos que compõem o texto-programa, com a diferença que ele se constitui no ponto de referência espaço-temporal de toda a estruturação temporal do telejornal: ele *é o aqui e o agora*. O tempo de *fala* do âncora, este **agora, que é datado**, faz coincidir o proferimento do texto com sua exibição e recepção por parte dos telespectadores, que, embora não sejam seres do discurso, estão representados no interior dos telejornais.

Dentre as muitas alternativas, advindas das novas tecnologias que possibilitam vencer o tempo e desfazer a distância, merece destaque a referente à concorrência e articulação de diversas telas, que descortinam simultaneamente fragmentos diversos do planeta, que visitam diferentes espaços, que oferecem novas possibilidades de interação com os correspondentes, enviados especiais, repórteres, comentaristas, protagonistas dos acontecimentos, testemunhas que podem estar em lugares e temporalidades distintas, além de permitirem com que os telespectadores deixem, pouco a pouco, a condição de meros espectadores para se tornarem verdadeiros interlocutores, usuários e produtores.

Esses movimentos de ordem retrospectiva, presente, ou prospectiva, possibilitados pelos meios técnicos, atualizam-se no interior do texto das notícias sob a forma do *ao vivo*, do *em tempo real*, do editado, do *en direct*.

2) à forma de realização / apresentação temporal do texto das notícias

A televisão que, diferentemente de outras mídias (jornal, cinema), sempre pôde operar em tempo real e cronológico, dispõe atualmente de avançadas tecnologias que lhe dão condições de captação e transmissão direta de imagens e sons advindos dos recônditos lugares do Planeta em perfeita sincronia com sua recepção por parte dos telespectadores.

As *instâncias de realização* dos telejornais operam com três unidades temporais distintas – a **sucessão**, a **duração** e a **incidência** –, atualizando diferentes possibilidades combinatórias entre *duração* e *incidência*, responsáveis pela coexistência, em uma mesma emissão, de matérias captadas / gravadas **ao vivo e editadas** para posterior exibição; de matérias captadas / gravadas **ao vivo** e transmitidas **em tempo real e simultâneo** à exibição do programa; e de matérias captadas / gravadas **ao vivo** e transmitidas e exibidas **em tempo posterior à sua gravação**. Somente quando lhe interessa, a televisão opta por operar com a duração integral do acontecimento captado (ao vivo) e sua exibição em tempo incidente, simultâneo à sua gravação e transmissão (em tempo real). Assim, deve-se ter presente que a instância de realização dos telejornais joga discursivamente, segundo seus interesses e condições, com todas essas possibilidades, percursos, técnicas e mesmo denominações, que confundem, por vezes, os desavisados.

3) à forma de estruturação temporal do texto das notícias

Os textos das notícias, ao conferirem aos fatos / acontecimentos um estatuto discursivo, recorrem, em sua estruturação interna, ao dispositivo discursivo de temporalização, com vistas a converter, segundo seus interesses e intenções, o eixo das pressuposições lógicas no das consecuições. Ao escolherem uma, dentre as muitas possibilidades de transformação da narrativa em história, conferem-lhe uma localização temporal, isto é, uma referência em torno da qual se segmentam e organizam as demais sucessões temporais.

Dessa maneira, ao inserirem na narrativa maior representada pela própria edição do programa como um todo – que se dá no presente, em tempo real, coincidente com sua exibição – narrativas menores, *as notícias*, os telejornais recuperam acontecimentos passados e presentes, antecipam outros que estão por vir.

4) à forma de relacionamento das narrativas com outros eixos temporais exteriores ao texto

Acontece que esse jogo temporal ocorrido no interior dos telejornais não se restringe ao discurso, implicando a recorrência a outros tempos ou eixos temporais

exteriores ao texto, mas que, sem dúvida, passam a interferir em sua construção, ultrapassando em muito as questões internas referentes à transformação dos acontecimentos em narrativa. Eles dizem respeito:

- às relações de incidência do *horário de veiculação de um telejornal* sobre o *tempo social e cultural* de uma dada comunidade e sua interferência na vida cotidiana dos telespectadores. Trata-se, assim, de uma relação temporal concernente às articulações entre a ocorrência dos acontecimentos e a disposição dos diferentes telejornais na grade de programação de uma emissora, isto é, seu horário de exibição – matutino, vespertino, noturno;

- às diferenças existentes entre essa conformação temporal de caráter sócio-cultural que define e distribui os tempos dedicados pelos cidadãos à vida cotidiana em uma dada comunidade e as diferenças temporais de fusos horários, que impedem uma correspondência dessas temporalidades em nível planetário, ou seja, entre comunidades situadas em locais, países e continentes distintos e distantes uns dos outros;

- à relação entre o tempo total dedicado à preparação de cada edição de um telejornal por sua equipe de produção – pauteiros, redatores, repórteres, equipe de gravação, equipe de edição, etc – e o tempo de ocorrência e duração dos acontecimentos a serem transformados em notícia.

O tratamento dessas diferentes temporalidades tem como aliado o desenvolvimento tecnológico que possibilita a recorrência a um conjunto de dispositivos e suportes tecnológicos, muitos deles advindos de outras mídias e mobilizados para a realização, veiculação e consumo desse tipo de programa. Cabe, não obstante, ressaltar que:

(a) a concepção de informação imposta pelos telejornais, com o auxílio das novas tecnologias, que se traduz pela exibição da história *em-se-fazendo*, pela possibilidade ofertada ao telespectador de assistir em tempo real e simultâneo ao desenrolar dos acontecimentos, nem sempre se torna viável, não só porque os telespectadores não estão disponíveis em todos os horários, como porque determinados tipos de acontecimentos não ocorrem, em nível planetário, em horários coincidentes;

(b) o tempo de exibição do telejornal não coincide com o de seu processo de produção: a relação temporal de concomitância com os acontecimentos, o que aparentemente distinguiria o telejornal de outros programas, ocorre apenas em alguns de

seus fragmentos, em que as técnicas de captação, gravação, exibição e consumo de sons e imagens operam sobre a simultaneidade, sobre a sincronia. Isso faz, aliás, com que as notícias de última hora sejam pouco elaboradas;

(c) a estratégia de convocação de repórteres, correspondentes, especialistas e outros tipos de entrevistados, muitos deles em outros tempos sociais, pode ou não atualizar a veiculação de acontecimentos simultâneos à sua ocorrência. A maior parte das reportagens é captada, gravada, editada e, só posteriormente, exibida, referindo-se aos acontecimentos que podem, e normalmente o são, terem ocorrido em tempo anterior à veiculação do programa. Trata-se de fragmentos que, uma vez gravados e editados, são inseridos no interior do telejornal, esse sim, como um todo, exibido em tempo real e simultâneo à sua apresentação.

Em síntese, acredita-se que os telejornais joguem estrategicamente com diferentes possibilidades temporais. Neles, mais do que em outros produtos, aparecem, de forma melhor definida e marcada, esses diferentes níveis de relações temporais que podem interferir na construção de sentidos de seu texto, envolvendo não só as condições de produção televisivas e o próprio produto, como o horário ocupado pelo programa na grade de programação, a relação entre este horário e os acontecimentos do mundo exterior, e o conseqüente tratamento temporal e tonal conferido às notícias apresentadas.

De qualquer forma, uma coisa não se pode negar: os telejornais são textos, datados, e, nesse jogo temporal que estabelecem, falam de acontecimentos cujo tempo de ocorrência pode ser, a partir do dia da edição e de seu horário de exibição, facilmente localizáveis ou deduzíveis.

Resta saber como do ponto de vista expressivo se manifesta o jogo entre essas diversas temporalidades.

5. Das múltiplas telas

O tratamento discursivo e expressivo dessas diferentes temporalidades presentes no texto de cada edição dos telejornais, ao lançar mão das inúmeras possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias, recorre, frequentemente, à articulação de diversas telas, que visitam diferentes espaços e tempos e oferecem novas possibilidades de interação do apresentador / âncora com os correspondentes, enviados especiais,



repórteres, comentaristas, protagonistas dos acontecimentos, testemunhas que podem estar em lugares e temporalidades distintas.

A convocação de outras telas para atuarem no interior dos telejornais, via inserção na própria trama das notícias tem um caráter orgânico: as telas copresentes constituem-se em extensões dos relatos-matriz, que, ao serem integradas ao texto dos telejornais dão conta de diferentes versões de uma mesma narrativa, concorrendo para a compreensão dos fatos e acontecimentos sob diferentes óticas e perspectivas.

As referidas telas, advindas da própria televisão ou mesmo de outras mídias (via internet), para participarem da construção dos relatos, possibilitam a interação entre os diferentes níveis de atores presentes nos telejornais e, até mesmo, a atuação dos telespectadores.

Essa multiplicidade de telas, muitas delas apresentadas simultaneamente e cada uma delas contando com atores e referindo espaços e tempos diversos, adota, do ponto de vista expressivo, diferentes formas de articulação. Trata-se de um movimento permanente de *imposição* vs. *deposição* vs. *reposição* de telas, cuja *disposição*, do ponto de vista expressivo, prevê inúmeras variantes:

- **Superposição de telas:** apresentação simultânea de uma ou múltiplas telas, superpostas à tela principal, representada pelo cenário em que está o apresentador, articulando diferentes espaços e, muitas vezes, temporalidades;
- **Anteposição de telas:** colocação de tela sobre as demais, sem o apagamento ou substituição de nenhuma das anteriores;
- **Sobreposição de telas:** apagamento da tela principal (cenário e tempo) e substituição por outra(s);
- **Interposição de telas:** colocação de uma nova tela entre as que já se superpõem à tela principal;
- **Reposição de telas:** retorno à tela principal;
- **Contraposição de telas:** divisão ao meio da tela principal, abrindo espaço para uma segunda tela que se contrapõe à principal.

Há todo um investimento de sentidos no manejo dessas telas, com vistas a agregar valores e relevância às notícias veiculadas. E os diferentes telejornais diários de cada emissora de televisão são um bom exemplo desses jogos entre tempos, espaços e telas que se dão no interior dos textos televisuais.



6. Entre História e Histórias

Contar histórias, como já se referiu, é uma atividade que sempre encantou os homens. E é nessa perspectiva que história e narrativa se complementam, pois toda história é feita de / por narrativas e é constituída pelo *contar* sobre eventos, a partir de dados e indícios, organizados com o objetivo de explicar o seu porquê, sua forma de ocorrência. Por isso, tratando de fatos reais ou imaginários, mitos ou lendas, são muitas as maneiras pelas quais as narrativas se manifestam.

A História corresponderia, assim, à narrativa de ações, cuja inteligibilidade, postulada *a priori*, se fundamenta na articulação diacrônica de seus elementos (COURTÉS; GREIMAS, 1979, p. 219), mas cujo estatuto veridictório não está fixado, podendo ser declaradas tanto como passadas e “reais”, como imaginárias, ou mesmo como não passíveis de definição. Desse ponto de vista, a História deve ser considerada meramente como um discurso narrativo.

Ao longo do tempo, os fatos históricos vêm sendo recuperados e estudados a partir dos vestígios e documentos sobre eles deixados. As fontes constituem-se assim no conjunto de ações das quais o homem deixou traços no passado, e que influenciam o futuro, pois o mundo atual configura-se a partir desses feitos e acontecimentos anteriores.

Essa consciência da relevância do registro da memória e das experiências coletivas e individuais tem sido uma constante nos seres humanos, vide desenhos nas cavernas, anotações nos templos da Suméria, estelas e relevos comemorativos de batalhas na Mesopotâmia, inscrições em hieróglifos no universo egípcio, etc.

Até bem pouco tempo, os estudiosos contavam, para esse processo de recuperação da História, de um lado, com monumentos, templos, esculturas, pinturas e outros objetos em geral, considerados *vestígios*; de outro, com a tradição oral, lendas, canções, narrações e demais formas de manifestação cultural; e, finalmente, com os *documentos escritos*, tais como leis, livros e relatórios. Embora muitas vezes fosse difícil saber se a fonte histórica era original e confiável, ou se fora modificada ou falsificada, esse resgate contínuo e metódico de eventos passados relacionados à vida dos seres humanos ao longo do tempo e do espaço vem mobilizando investigadores, na medida em que a compreensão do cotidiano dos afazeres do povo, dos valores sociais e



culturais em pauta, da arte em suas diferentes formas de expressão, constituem-se em elementos fundamentais para a compreensão das transformações empreendidas pela humanidade.

Sem dúvida, o homem contemporâneo, auxiliado pelas novas tecnologias de comunicação, dispõe de um arsenal muito mais sofisticado de formas de armazenamento e arquivamento dessas informações, o que, convém lembrar, pode ser utilizado tanto para o bem como para o mal. É só pensar nos telejornais cujo modo de contar as narrativas das notícias adota muitas vezes estratégias discursivas próprias da construção do mito: procuram explicar e demonstrar, por meio da ação e do modo de ser das personagens, a origem dos males, as práticas, consideradas responsáveis pelos dissabores e sofrimentos por que passam homens e mulheres pertencentes a uma mesma cultura e sociedade.

A estruturação narrativa dos textos das notícias televisuais gira em torno de temas problemas, ações e disputas, que guardam bastantes semelhanças com os dramas do cotidiano. Existe uma espécie de *cast* de personagens, diretamente conectados com a tradicional luta entre bem-mal, que são apresentados para reforçar valores morais e culturais. Os papéis são distribuídos e os personagens categorizados em vilões, mocinhos e heróis estereotipados, de maneira bastante semelhante à utilizada em obras ficcionais. A forma inicial de abordagem do conflito, na abertura das matérias, ocorre através de chamadas ou cabeças que, interpretadas pelos locutores-apresentadores, configuram-se como uma espécie de convite ao acompanhamento de cada matéria. Para além dos personagens, a utilização exacerbada dos recursos audiovisuais – como *sobe som* e vinhetas – é um elemento integrante dessa receita dramática, na qual o tom de seriedade próprio do subgênero, muitas vezes, é substituído pelo apelo emocional.

7. Considerações finais

As relações entre História e ficção não são novas, ao contrário, elas convivem em uma tênue fronteira, entrecruzando-se na construção de narrativas, literárias, televisuais e até mesmo históricas.

Segundo Veyne:

Os fatos não existem isoladamente, no sentido de que o tecido da história é o que chamaremos uma intriga, uma mistura muito humana e muito pouco “científica” de causas materiais, de fins e de acasos; uma palavra, uma falta de vida, que o historiador recorta a seu bel-prazer e onde os fatos têm as suas ligações objetivas e a sua importância relativa (VEYNE, 1987, p. 48).

Assim, é de se perguntar novamente: seriam mesmo os telejornais matéria prima de alta qualidade para a reconstituição histórica mais recente do Planeta?

Muito embora o propósito da produção telejornalística seja produzir um relato objetivo do real, o mais próximo possível do acontecimento, há consonâncias, dissonâncias, ressonâncias, entre as diferentes notícias sobre um mesmo acontecimento, veiculadas pelos distintos telejornais. Fica muitas vezes difícil de entender como e por que, a partir de um mesmo fato ou acontecimento, possam ser produzidos relatos tão diferentes uns dos outros, todos *verdadeiros*, pois respeitam as fontes, mas todos diversos, porque operaram seleções, focalizações e montagens distintas. Tudo indica que tais distinções se devam a assunção de “sistemas de valores diversos, de forma abstrata ou temática, cuja realização pode ser, em qualquer instante, mais ou menos figurativizada” (COURTÉS, J.; GREIMAS, A. J., 1979, p. 225).

O discurso telejornalístico, assim como o historiográfico, produz efeitos de sentido que fazem o leitor crer que a parte representa o todo de um acontecimento ou época; que a produção de um texto transforma em discurso o real, como se o real tivesse a profundidade e a coerência próprias de um texto bem elaborado. Essa ambiguidade, não obstante, é característica de toda narrativa que invariavelmente se situa entre o factual e o ficcional: “Longe de se opor à verdade, a ficção é seu suplemento” (ALENCAR JÚNIOR, 1996, p. 60).

Não há dúvida de que os relatos veiculados pelos telejornais ganharam maior amplitude com a concorrência simultânea de outras telas, e, com elas, a agregação de novos cenários, espaços, tempos, atores, o que de certa forma dificulta até mesmo a definição de seus limites e de seu âmbito de atuação.

Nas diferentes histórias contadas pelos telejornais convivem diferentes versões dos fatos, nada é permanente, e até mesmo sua ocultação ganha sentido. E, talvez, esse seja o grande ganho para o historiador: a possibilidade de dispor dos acontecimentos sob diferentes perspectivas, de examinar suas diferentes versões.



A articulação entre a televisão e novas mídias vem, sem dúvida, alterando o modo de conformação, a estrutura e as normas de produção do texto dos telejornais. Sim, porque as relações para e intertextuais contraídas pelos telejornais, no decorrer desse jogo multitelar, são incontáveis, fazendo com que eles vão muito além de si mesmos, ultrapassem seus limites formais, demonstrando e apontando inúmeras complementaridades, sendo sempre algo mais do que aquilo que está enquadrado nas fronteiras restritas de seu texto. Mais ainda, esse transbordamento dos limites altera as funções e comportamento tradicionalmente atribuídos ao seu protagonista principal, o apresentador, que, muitas vezes, perde o controle, ou seja, o comando sobre o encaminhamento das informações veiculadas, pois delegar aos telespectadores a tarefa de decidir como as notícias devem ser lidas.

Referências

ALENCAR JÚNIOR, José Leão de. História com ficção: a confecção narrativa da história e da literatura. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 18, n. 1, p. 58-61, 1996.

CALABRESE, Omar. **A idade neobarroca**. Lisboa: Edições 70, 1987.

COURTÉS, J.; GREIMAS, A. J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1979.

COURTÉS, Joseph. **Introdução à semiótica narrativa e discursiva**. Coimbra: Almedina, 1979.

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

DUARTE, Elizabeth Bastos. Les téléjournaux: entre la pluralité temporelle et la superposition d'écrans. PIMI : 2017.

DUARTE, Elizabeth Bastos; CURVELLO, Vanessa. Telejornais: quem dá o tom? In: GOMES, Itânia Maria Mota, org. **Televisão e realidade**. Salvador: UFBA, 2010, p. 61-74.

_____, Elizabeth Bastos; FREITAS, Rose Lumertz de. Telejornais: a ruptura tonal com as expectativas do subgênero. **E-Compós**, Brasília, v. 8, 2007 (eletrônico).

_____, Elizabeth Bastos. Telejornais: incidências do tempo sobre o tom. In: DUARTE, E. B.; CASTRO, M. L. D., orgs. **Comunicação audiovisual: gêneros e formatos**. Porto Alegre: Sulina, 2007, p. 35-57. Col. Estudos sobre o audiovisual.



_____, Elizabeth Bastos. Dos telejornais: entre temporalidades e tons. In: XV Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - Compós, 2006, Bauru. **Anais da XV Compós** (eletrônico), 2006. FECHINE, Yvana. A instauração da temporalidade no telejornal. **XI Encontro da Associação Nacional dos programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Rio de Janeiro: Eco/UFRJ, 2002.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

JOST, François. **Comprendre la télévision**. Paris: Armand Colin, 2005.

_____, François. **Introduction à l'analyse de la television**. Paris : Ellipses, 1999.

_____, François In LEFILLIÂTRE, Jérôme. La bonne vieille télé toujours dans la course. **Libération**. 21 mar. 2017. Disponível em: http://www.liberation.fr/futurs/2017/03-/20/la-bonne-vieille-tele-toujours-dans-la-course_1557175. Acesso em: 17.04.2017.

MATA, Jhonatan. O telejornal entre o bem e o mal. **Revista Brasileira de História da Mídia**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 241-242, 2013.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. trad. Constança M. Cesar. Campinas: Papyrus, 1994.

VEYNE, Paul. **Acreditam os gregos nos seus mitos?** Lisboa: Edições 70, 1987.

Submetido em: 30/10/2018. Aprovado em: 30/11/2018.